

ANO XXXV — N.º 3

BOLETIM PECUÁRIO

1967

ALGUNS ASPECTOS DE EXPLORAÇÃO DA RAÇA BOVINA ALENTEJANA *

Por

CARLOS M. BARREIROS NUNES DUARTE

* Conferência proferida em Santiago do Cacém, por ocasião do I Concurso Regional de gado bovino alentejano, realizado em 23 de Maio de 1965.

HISTÓRIA

O gado bovino indígena alentejano, constitui uma raça primitiva natural. A sua existência pode considerar-se milenária, como provam os fósseis neolíticos existentes no Museu dos Serviços Geológicos, pelas semelhanças que apresentam com peças correspondentes dos actuais bovinos.

Classificamo-la de primitiva pelos seus caracteres morfológicos e natural porque se criou sem especiais cuidados do homem.

Vários autores consideram o bovino transtagano pertencente ao mesmo tronco de alguns que povoam o Maciço Central, Sul da França, Noroeste Espanhol, regiões de Cáceres, Badajoz, Huelva e Sevilha, citando entre outras as raças Limousine, Lourdes, Garonesa, Galega, Andaluz, etc..

Deitando uma rápida olhadela para o que sucedeu a estes bovinos, nomeadamente aos da Europa Central, de aptidão dinamófora como os nossos, verificamos que eles têm vindo a sofrer uma evolução lenta mas progressiva, que se acentuou a partir da primeira guerra mundial, consequência do progresso das ciências em todos os sectores.

Assim, a mecanização da agricultura ia dispensando o trabalho animal e, por outro lado, a população rural abandonava os campos atraída para os grandes centros urbanos, rapidamente a desenvolverem-se com a montagem de indústrias sempre em escala de vertiginosa ascendência.

Novas técnicas iam surgindo nas explorações agrárias com o objectivo de aumentar a produtividade, porque os centros urbanos, sempre crescentes em população e nível de vida, exigiam não só quantidade, mas também qualidade de víveres.

Os produtos pecuários começavam a ocupar os lugares cimeiros dessas exigências.

Uma das espécies mais solicitadas nesta corrida foi a bovina, ou não fosse ela a produtora por excelência de carne e leite. Entretanto a máquina substituiu total ou parcialmente o trabalho deste gado, o qual deixando de ser solicitado para aquele fim, passou, em contrapartida, a ser exigido, cada vez em maior escala, no abastecimento das cidades. Os produtos valorizaram-se, o gado, mercê das modificações favoráveis operadas no meio ambiente, foi revelando progressivamente aptidões até aí ignoradas. O melhoramento por selecção intensificou-se graças ao movimento associativo que se gerou entre os bovinicultores e, naturalmente, apareciam transformações fenotípicas e funcionais das primitivas raças, que são hoje altamente especializadas em produção de carne ou leite, ou de ambos os produtos, ditas de aptidão mista, que são actualmente as preferidas.

Foi assim que os franceses fizeram das raças de trabalho, Charollesa e Limousine, animais especializados na produção de carne e recentemente estão a apresentar a Salers como raça de aptidão mista (leite e carne). Por esse mundo fora muitas outras raças poderiam ser apontadas como exemplo.

E, caso curioso, em todas as regiões da Europa onde se criavam animais destinados aos trabalhos agrícolas, pertencentes a raças primitivas, mais ou menos naturais, elas não foram eliminadas nem absorvidas nem substituídas, foram modificadas por um criterioso plano de melhoramento.

Volto a trazer o exemplo da França que, apesar de ter das melhores raças do mundo para a produção de carne, mantém em funcionamento aproximadamente 30 livros genealógicos correspondentes a igual número de raças, que explora e melhora nos respectivos solares de características ecológicas naturalmente variáveis.

A própria Inglaterra, berço da maior parte das raças artificiais, continua a manter os seus bovinos Highlands, na Escócia, cujo primitivismo não anda distante do bisonte. Não se julgue que têm em vista o aspecto turístico, o clima é que não permite a existência de outro e, por isso, os ingleses lá o têm, explorando-o e melhorando-o segundo as técnicas apropriadas.

Em traços muito rápidos, foi esta a evolução que se verificou mais ou menos em toda a Europa para lá dos Pirinéus. Mas não viemos aqui para vos falar do estrangeiro, que aliás nem conhecemos; no entanto, interessa-nos saber como os outros resolveram problemas idênticos aos nossos, não para copiar, mas para adaptar na medida em que eles nos podem fornecer uma base de experiência e de estudo, mais evoluída, abreviando a resolução do nosso próprio problema.

Pela falta de evolução da nossa pecuária, nomeadamente no sector bovino, chegámos a esta data só com animais em que as características fenotípicas mais evidentes os recomendam para o trabalho, função que já não é utilizada, ou está entre nós em vias de o deixar de ser num futuro mais ou menos próximo.

Qual o destino que lhe reservamos?

Cada vez se torna mais tarde para pensarmos no assunto.

O caso da raça alentejana, aquela que, neste momento, nos interessa directamente, foi sempre explorada em regime diferente de todas as outras do país. Por esta razão, o seu futuro terá de ser encarado isoladamente.

Sem pretendermos arvorar-nos em mentores e aproveitando apenas a circunstância de trabalharmos numa Estação que pretende servir a lavoura, honesta e lealmente, reunimos alguns elementos para falarmos o mais concretamente possível sobre a nossa raça bovina alentejana, procurando oferecer-vos um pequeno auxílio para futura orientação.

HABITAT

Quando procuramos estudar qualquer população bovina, por mais superficial que seja esse estudo, não podemos alhear-nos de modo algum das condições ecológicas em que vive esse gado. São variadíssimos os factores que influem na evolução dos diferentes biotipos. O clima, a constituição do solo, a topografia, a organização política, social e religiosa, a instrução e a educação do povo, etc., constituem agentes determinantes das características morfológicas e funcionais do gado e muito especialmente da espécie bovina.

Há que considerar no entanto o clima como factor mais importante dos que influenciam a distribuição dos diferentes biotipos, sobretudo a temperatura e a pluviosidade.

É portanto para este aspecto que desejo chamar a atenção de V. Ex.^{as}, porque sem levarmos na devida conta o valor deste factor — clima —, nos sistemas de exploração pecuária, nunca poderemos encontrar soluções que satisfaçam a economia, a técnica e a prática.

Na Europa predominam dois tipos de clima: O temperado continental e o temperado marítimo: o primeiro, pelas grandes amplitudes térmicas, baixo índice pluviométrico, grande secura e insolação estival, provocam a descontinuidade da produção vegetal; o segundo, com fraca amplitude térmica e elevado grau de humidade, é o mais favorável para oferecer as possibilidades de alimentação continuada, condição indispensável para a exploração de animais de alta produtividade.

O Alentejo possui um clima tipicamente continental, com influências mediterrânicas, baixa pluviosidade e má distribuição desta ao longo dos meses do ano, estiagens rigorosas com insolação que chega a atingir 87% nos meses de Julho e Agosto. Este tipo de clima, pouco favorável ao desenvolvimento vegetal, dá origem a uma flora natural pobre e, nestas circunstâncias, os animais que a este meio se adaptaram, manifestam características próprias, tais como: grande desenvolvimento do terço anterior, ao qual corresponde grande volume dos órgãos da cavidade torácica, ossos compactos, grande circulação periférica, respiração pouco profunda e digestões languidas, o que contraria a precocidade do seu desenvolvimento.

Sendo o pastoreio, em pastagens espontâneas, a forma mais económica de produzir gado vacum, considerando as características climáticas atrás descritas, verificamos fases estacionais provocando a descontinuidade da produção herbácea. Primaveras muito irregulares em temperatura e grau de pluviosidade, Verões muito secos e quentes e Invernos com temperaturas baixas, são factores limitantes e impeditivos do desenvolvimento vegetal.

Estas circunstâncias, pelo condicionalismo económico de que se revestem, são proibitivas da exploração bovina intensiva, mas permitem a exploração extensiva dum bovino ambientado sem características de espe-

cialização definida, por isso mesmo aquele que melhor pode suportar, com vantagens para o seu proprietário, as condições naturais do meio em que é explorado. Está neste caso toda a nossa população bovina transtagana, da qual faz parte a raça alentejana, sem dúvida a mais representativa do sul do país.

SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

Ainda para apreciação das características actuais do bovino aborígene e para melhor compreendermos a sua falta de evolução, torna-se necessário passar em revista, embora muito rapidamente, o regime em que era explorada a raça bovina alentejana no princípio deste século, isto é, precisamente na época em que toda a Europa começava a construir, com sólidos alicerces, o edifício do melhoramento zootécnico.

Quando nos debruçamos sobre o passado da nossa pecuária, encontramos sempre com o Prof. Bernardo Lima, a quem nunca será de mais prestar as nossas homenagens.

É da obra deste eminente Professor que transcrevemos a seguinte descrição sobre o assunto:

«Reprodução, criação e recriação — Começam as vacas a ser cobertas aos 2 anos de idade, aturando na reprodução até aos 10 anos, que é quando se reformam, e mais ou menos cevadas vão para o talho. Cobrem-se, de ordinário, a ano e vez. As gestações anuais são, por enquanto, factos de excepção, só consentâneas em casas de alguns pequenos criadores que contam com melhores recursos pascigosos.

.....

Os touros começam a padrear aos 3 para os 4 anos e aturam neste mister 5 a 6 anos.

.....

O preço do bom touro de cobrição é entre 50\$000 a 60\$000 mil réis. O mais geral é andar sempre o touro na manada com as vacas touriandas, que vão cobrindo à medida que

estas entram em cio; mas há lavradores, principalmente no distrito de Évora, de grandes manadas, que trazem separados os touros das vacas e só os lançam em Janeiro...

... ..

São as crias desmamadas dos nove meses a um ano, e para as desmamar ou se pratica a separação do mesmo modo que para o gado bravo do Ribatejo, ou, deixando andar as crias sempre com as mães, se faz o que se diz o requeimo, que consiste em traçar um anel de fogo com ferro em braza em torno do têto, para que a dor obrigue as mães a repelir as crias quando estas procuram a mama; outros, em vez do requeimo, usam untar a base das tetas de mera grossa com vacas loiras que molesta o ubre da vaca e os beiços da cria. Ambos estes dois últimos modos de desmama têm visos de operação bárbara, e são por vezes seguidos de graves acidentes locais (inflamação violenta e gangrena, etc.) que inutilizam para o futuro as vacas no mister da criação.

... ..

Regimen — No Alentejo as vacas de criação, as crias em recriação e os touros, a regra mais geral é andarem de permanente pastoreação manadia em todas as quadras do ano, sem jamais se recolherem a estábulo ou coberto algum.

... ..

As pastagens onde se dá a pastoreação deste último gado são constituídas, pois, pelo bambural de mais corpo que nasce por entre matagais de charneca, e pelos próprios matos miúdos, semilinhosos e tenros desta; pelo hervaçal que brota das terras limpas e cultivadas nas suas fôlhas em pousio e nos restolhos das semeadas, hervaçal que se é pujante na primavera, embora efêmero (a herva aqui, maio a dá maio a leva) escasseia bastante na fôrça do estio, renova um tanto no outono, mas amesquinha em extremo no inverno; de modo que o armentio se toma carne e engorda na primeira estação, abate ou emagrece na segunda, recompõe-se um pouco na terceira, para outra vez desandar e descair na quarta, e nesta última

às vezes a ponto de famélico e astroso se porventura correu o outono sêco e falharam por isso as boas outonadas.

Esta alternativa de abundância e miséria pascigosa, mas em que prepondera mais a miséria, contraria muito a produção e melhoramento do armentio alentejano, afectando principalmente o bom desenvolvimento das crias.

.....

Se o inverno é uma época crítica na pastoreação do armentio alentejano, não o é menos o verão, nem sempre por êste bem servido de pastos, e sempre apoquentado pela mosca, mal dessedentado e molestado por águas empoçadas e ruins».

Bernardo Lima continua descrevendo muitos outros aspectos da exploração bovina no Alentejo, sempre com muito interesse, mas o respeito que devo à paciência de V. Ex.^{as} não me permite continuar a transcrição. Parece-nos, no entanto, que esta evocação do passado, que infelizmente ainda tem muito de presente, chegará para justificar a falta de evolução do bovino alentejano, que chegou aos nossos dias não como fardo indesejável para as explorações, mas como um património pecuário de inestimável valor.

A nossa intuição de técnico de campo, sentindo os reveses de um clima irregularíssimo e nada favorável a uma vida vegetal e animal intensiva, diz-nos que a exploração bovina no Alentejo de sequeiro, nunca poderá afastar-se muito do biotipo actual, porque, embora devamos procurar atenuar os inconvenientes através de medidas racionais, baseadas na observação prática e na técnica aplicada e confirmada por elementos concretos, nunca será viável economicamente remover por completo as dificuldades criadas pelas condições ecológicas.

Este conceito poderá ser tomado como espírito retrógrado, mas só aparentemente. Se adoptarmos o último figurino de exploração seguido em algumas regiões do estrangeiro, imediatamente teremos de reconhecer pelos resultados económicos, que o Alentejo não é um condado de Hereford, nem a Normandia, nem a região Charolesa, é sim uma região com características próprias que impõem às empresas agro-pecuárias sistemas próprios de exploração, não com carácter rotineiro, mas sempre com os

olhos postos no progresso das técnicas, procurando evoluir, a partir do ponto onde se encontram, mas nunca perdendo o contacto com as realidades.

Porque assim tem acontecido, os bovinicultores do fim do século passado contentavam-se que as suas vacas lhes dessem uma cria de dois em dois anos, e hoje já não há nenhum que não pretenda obter um vitelo de cada fêmea todos os anos.

Não há dúvida que os problemas de valorização e comercialização dos produtos estimulam a produção no sentido da quantidade e qualidade. Embora deficientes, algumas medidas têm sido tomadas com esse fim, mas nós, lavoura e técnicos, devemos alguma coisa a nós próprios e essa dívida tem de ser saldada quanto antes, refiro-me à orientação que devem seguir as empresas agrárias com ou sem gado e, quando este existir, qual e como deve ser explorado, para se conseguir uma maior produtividade que traga ao mesmo tempo as devidas compensações económicas aos empresários que dirigem empreendimentos dos mais contingentes da actividade humana.

Com a intenção de trazer até vós alguns resultados de ordem prática, reunimos elementos dos últimos 6 anos sobre a vacada da Coudeledaria de Alter, cujos cuidados selectivos datam de há 20 anos.

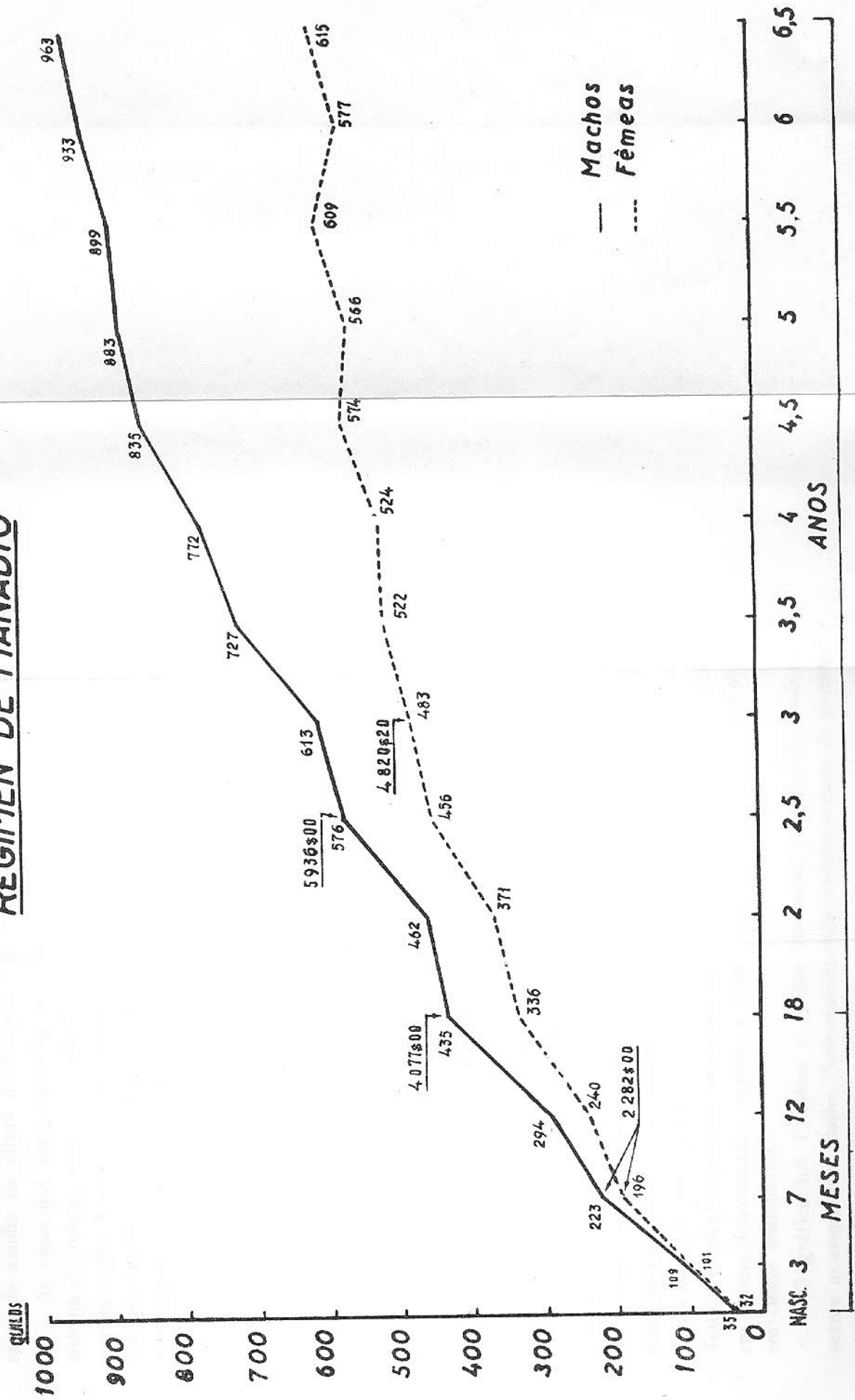
A linha de orientação seguida tem sido evitar, tanto quanto possível, as grandes oscilações do peso vivo dos animais, sem esquecer o factor económico, isto é, alimentar procurando economizar.

Assim, o gado começa a viver somente à custa da pastagem à volta do mês de Março. Quando chega a Junho, já não há ervas verdes e o bom estado de carnes que os animais apresentam nesta época continua a ser mantido durante as «restolhices» e em Agosto entra na curva decrescente, iniciando o consumo das reservas energéticas e vitamínicas, que conseguiram armazenar anteriormente. Em Setembro principia a tragédia para os bovinos alentejanos. Mostram bom pêlo e regular estado de carnes, ocultando as carências alimentares que estão passando e quase de um dia para o outro ficam esqueléticos.

É este estado que, nos últimos anos, temos evitado, começando a dar silagem misturada com palha logo no início de Setembro. Esta prá-

CURVAS DE CRESCIMENTO

REGIMEN DE MANADIO



tica evita o emagrecimento brusco dos animais que é altamente prejudicial para todas as funções e principalmente para a reprodutiva. À medida que vai faltando o pasto no campo, a permanência do gado na cabana vai aumentando. Aqui, consomem além da palha e silagem, moí-nhas e fenos quando os há, lá fora aproveitam uma ponta de montado e rama de azinho na altura da limpeza das árvores.

As vacas por vezes fazem as lavouras de Outono, trabalhando em sistema de revezo, isto é, 4 vacas fazem uma geira. Quando trabalham comem ração. Nestas condições, conseguimos manter uma época de cobrição que vai de 1 de Dezembro a meados de Abril, verificando-se as partições durante o Outono e princípios do Inverno. As desmamas, nestes últimos anos, têm sido efectuadas aos 7 meses e nunca permitimos que as vacas amamentem os filhos depois de Junho. Este facto é importantíssimo por se reflectir no índice de fertilidade do efectivo. Fêmea em lactação durante os meses de Verão, neste regime, regra geral fica alfeire e se por acaso é fecundada tem muitas probabilidades de abortar. A sua alimentação, deficiente quantitativa e qualitativamente, não permite que recupere depois de tão intensamente espoliada, de modo a dar viabilidade à gestação.

Nestas condições temos obtido 75 % de vitelos à desmama, cujo custo, contando apenas a alimentação das mães é de 2 282\$30 com um peso médio entre machos e fêmeas de 210 kg. As recrias seguem o mesmo regime das mães; apenas os machos, durante o primeiro Inverno da sua vida, têm suplemento concentrado de um quilograma por dia e por cabeça.

Como a finalidade do Estabelecimento é seleccionar reprodutores para ceder à lavoura, os novilhos mantêm-se inteiros e o refugo, tanto destes como o das fêmeas, só é feito em regra aos dois anos e meio. Todo o efectivo explorado neste sistema é pesado mensalmente e medido em épocas determinadas segundo a idade, cujos elementos são registados em fichas individuais.

O gráfico n.º 1 indica a média dos pesos relacionados com o sexo e as respectivas idades. Nele encontramos também o custo de alimentação para algumas classes.

Este regime de alimentação, que podemos considerar semelhante ao que se pratica em toda a província, é sem dúvida deficitário, circunstância que, desde sempre, tem contrariado o progresso do melhoramento em virtude dos animais jovens, dos quais depende a evolução das raças, serem profundamente affectados no seu desenvolvimento pelas carências alimentares.

Por outro lado, não nos podemos esquecer que o Alentejo, pelas razões climáticas que já referimos, não é uma região que reúna características que se coadunem com as exigências de explorações bovinas propriamente ditas. O gado existe aqui para fazer o aproveitamento dos subprodutos duma lavoura cerealífera do tipo de afolhamentos, em que os períodos de repouso das terras proporcionam pousios, cuja valorização só é conseguida através dum equilíbrio pecuário de que o bovino faz parte.

Nesta ordem de ideias e no estado actual das nossas explorações, à primeira vista parece não haver nada a fazer. Este fatalismo é um estado de espírito de que temos de nos libertar.

Primeiro temos de saber o que queremos e depois verificar se nos é possível lá chegar.

Julgamos que todos queremos o melhoramento do gado bovino alentejano. Para o obter, independentemente de outras medidas, é necessário procurar manter um nível de alimentação constante e suficiente, para suprir as necessidades metabólicas dos animais, pelo menos durante o período de maior velocidade do seu desenvolvimento.

Mas neste aspecto duas interrogações surgem:

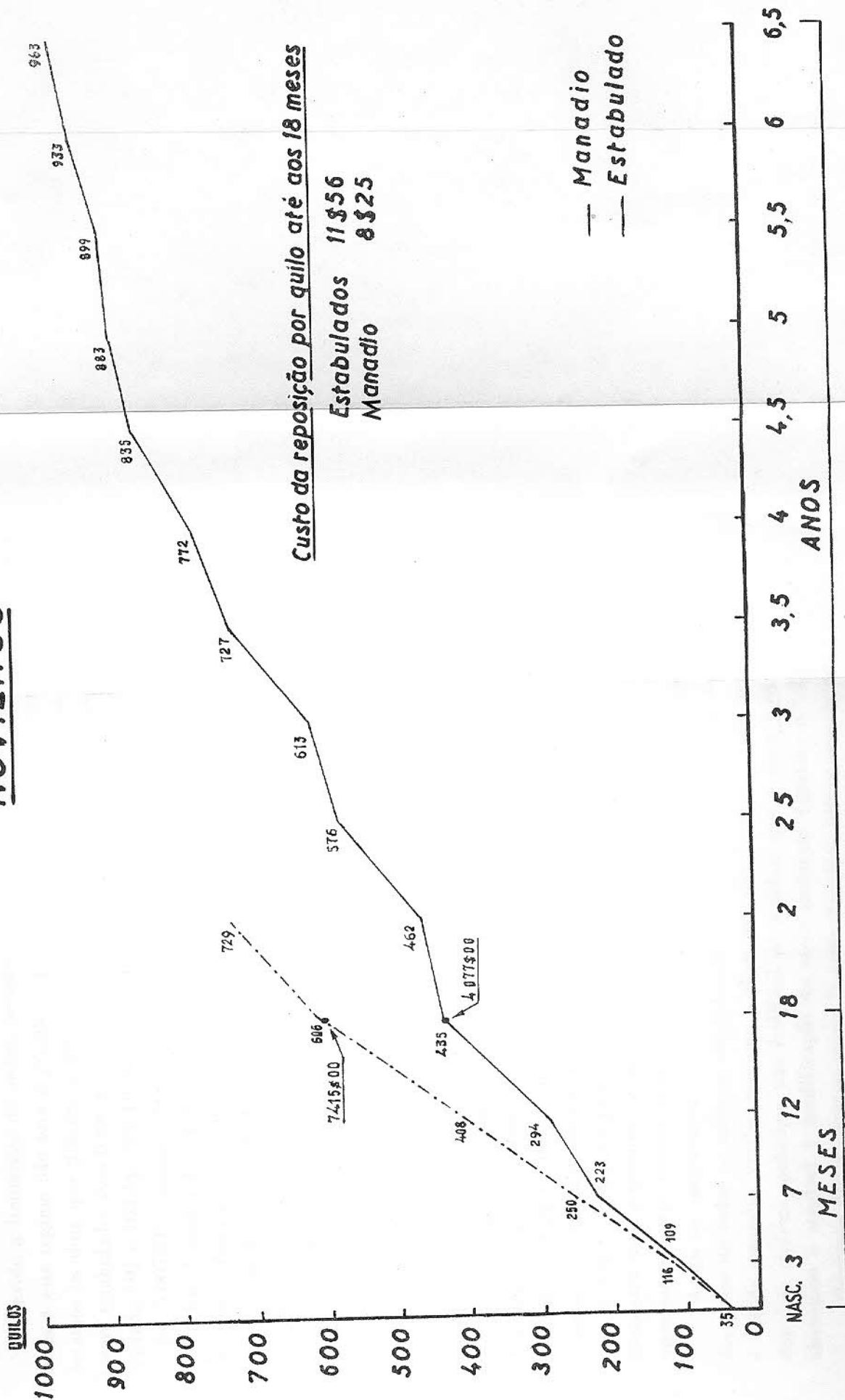
Tem o bovino de raça alentejana potencial genético para reagir a uma melhoria de alimentação?

Na hipótese afirmativa, até que limite é viável economicamente essa modificação?

De momento, infelizmente, não podemos dar respostas concretas, mas como sentimos ser este o fulcro da questão, temos orientado, na medida do possível, os nossos trabalhos com o fim de procurar esclarecer estes assuntos.

CURVAS DE CRESCIMENTO

NOVILHOS



Como ainda não temos conclusões, vamos indicar alguns resultados obtidos.

Para fazer uma sondagem ao modo como reagiriam os bovinos alentejanos a uma alimentação equilibrada, resolveu-se estabular alguns bezeros para que estes não passassem por períodos de penúria alimentar.

Devido a limitações de ordem económica, o número de animais sujeitos a este regime não teve a grandeza que desejávamos, por isso consideramos os dois que tiveram o melhor e o pior comportamento. Ambos foram estabulados com 6 meses e sujeitos rigorosamente ao mesmo regime, pesando 191 e 163 kg. Aos 18 meses tinham gasto cada um, só em alimentação, 5 007\$00, pesando nesta idade (18 meses) respectivamente 640 e 566 kg. A média de reposição diária foi de 1181 e 1060 gramas, cujo custo de reposição por cada quilograma de peso vivo foi no melhor de 10\$94 e no pior de 12\$19.

Claro que a estabulação permanente, considerando as características actuais das explorações agro-pecuárias do Alentejo, não nos parece o sistema mais aconselhado. Como atrás dissemos, foi uma experiência que tinha em vista um determinado fim. Mas analisando os resultados destes dois novilhos, mantidos rigorosamente nas mesmas condições, verificamos haver entre eles uma diferença de peso de 74 kg. aos 18 meses, que corresponde a uma economia diária aproximada de 1\$50, durante os 380 dias que durou o contraste. Este facto parece querer contrariar aquela velha tese de que a zootecnia se faz pela boca. Na verdade a alimentação racional é a base de todo e qualquer melhoramento animal. Sem ela cerceiam-se as oportunidades de revelação das destacadas características funcionais. Mas o potencial genético terá sempre a última palavra, como o demonstra esta pequenina experiência, com animais, repetimos, mantidos rigorosamente nas mesmas condições.

Agora se compararmos a curva de crescimento obtida pela média dos pesos de todos os animais recriados em estabulação permanente com a dos de manadio, verificamos que é altamente significativa a influência dos dois regimes, pelo que não é difícil de concluir que o gado bovino alentejano é sensível à modificação do meio ambiente (gráfico n.º 2).

Qualquer destes sistemas, como já atrás dissemos, tem os seus inconvenientes. O manadio porque prejudica o desenvolvimento normal dos ani-

mais, o estabulado porque é inviável econòmicamente para o tipo médio das nossas explorações.

Parece, portanto, que se encontrarmos uma posição intermédia, ela poderá servir o nosso objectivo.

Continuando a trazer até V. Ex.^{as} os resultados dos nossos trabalhos, que vamos arquivando, para num futuro próximo poderem auxiliar orientações definitivas, evocamos o artigo publicado no Boletim Pecuário de 1963 sobre a época de nascimento dos vitelos.

Pela análise de elementos colhidos durante 13 anos concluímos naquele artigo que a época ideal para a parição das vacas alentejanas era o Outono. Este sistema permite efectuar a desmama durante a Primavera, estação óptima para a adaptação do vitelo à independência alimentar. Quando o animal chega ao pasto seco está perfeitamente adaptado. Passa o Verão razoavelmente, graças à rusticidade que herdou. Em Setembro precisa do auxílio dos armazéns e em Outubro se sai da cabana é só para espaiar.

É precisamente a partir deste mês que estamos a adoptar uma espécie de estabulação livre, em que os animais têm à disposição por dia e por cabeça 5 kg. de silagem, igual quantidade de feno, dado em grades, e palha à descreção.

30 vitelos que iniciaram este regime, com um total de 8123 kg., chegaram ao fim de Março, data em que passaram a pastar, com 10 400 kg., tendo feito uma reposição diária e por cabeça de 506 gramas, apresentando-se em boas condições para tirarem bom rendimento da efémera pastagem da Primavera.

Também 32 novilhas de idades compreendidas entre 14 e 18 meses, passaram o Inverno no regime atrás descrito. Em Março, estas foram levadas para uma pastagem semeada, onde permaneceram até fins de Maio. Neste período, o aumento médio diário verificado por cada 100 kg. de peso vivo, foi de 390 gramas.

Apesar da exiguidade de elementos, se não fosse a grande variação de preço de custo do feno, a irregularidade da sua qualidade e produção, nós atrevíamos-nos a afirmar que este sistema era viável técnica e econòmicamente. Assim, ficaremos na expectativa até colhermos mais elementos.

Vejamos ainda outro aspecto da exploração bovina alentejana, registado no nosso arquivo.

Com o fim de estudar a viabilidade económica das pastagens semeadas, intercaladas na rotação cerealífera, a Estação de Fomento Pecuário do Alto Alentejo tomou a iniciativa de reunir um grupo de técnicos das diferentes especialidades para levar a efeito um ensaio em larga escala de cultura de forragens de sequeiro. O empreendimento está em curso há 3 anos e tem-nos proporcionado à volta de 100 toneladas de feno anualmente, que tem permitido um melhoramento substancial da alimentação do gado, nas épocas de maior crise do ano.

Este facto, independentemente de outras incidências, permitiu que se registasse uma maior fertilidade nas vacas, aumentando o número de vitelos à desmama de 75 % para 85 %, circunstância que fez baixar o custo dos desmamados. Sob o aspecto técnico não temos dúvida em recomendar o sistema, mas na parte económica, embora esta esteja relacionada com outros factores, não podemos concluir ainda, porque a variação do custo de produção do feno tem sido de tal ordem que, por enquanto, e devido a dispormos de elementos ainda só referentes a três anos, nos sentimos impossibilitados de emitir uma opinião definitiva sobre a matéria. Nos três anos de produção daquele produto, com culturas de forragens semeadas de sequeiro, em que as técnicas de fertilização, preparação do terreno, variedades e densidade da semente foram idênticas, obtivemos os seguintes custos do feno enfardado:

1963	\$58,6/kg.
1964	l\$12,7/kg.
1965	\$70,8/kg.

A disparidade dos números apresentados é a consequência dos tais factores limitantes e impeditivos do desenvolvimento vegetal, que não permitem alinhar a nossa bovinicultura por outras de regiões ecológicamente mais favorecidas.

Quando o lucro dos investimentos efectuados está na sua maior parte dependente dos factores climáticos, é de boa prática ser-se prudente,

caso contrário aquele não chega a existir, acabando um tal estado de coisas por reflectir-se, de forma mais ou menos grave, no próprio capital fundiário que constitui a base da exploração.

Por tudo quanto nos foi dado expor e ainda porque os Serviços responsáveis, reconhecendo a necessidade premente de se produzir cada vez mais carne, não deixarão de continuar a estudar os problemas relacionados com os vários aspectos desta produção, parece-nos de tentar despertar no espírito de V. Ex.^{as}, bovinicultores do Alentejo, o interesse pelo melhoramento da raça bovina alentejana, porque ela é, não só viável, como também aconselhável, sobretudo se tivermos presente as condições ambientais em que se situam as vossas explorações.

Será um empreendimento de resultados lentos mas positivos, que exige de todos nós alguns sacrifícios e sobretudo uma disciplina que nem sempre faz parte dos nossos hábitos, mas sem a qual não será possível vencer, ainda que seja titânico o esforço dispendido.

Na base daquela disciplina situa-se uma necessidade imperiosa de estabelecer um movimento verdadeiramente associativo, onde o interesse de um não se distinga do interesse de todos.

No caso presente, tal movimento concretizar-se-ia na fundação de uma Associação de Criadores da Raça Bovina Alentejana, à qual estariam cometidos o estudo e defesa dos vossos interesses desde a produção até à comercialização, apoiada no livro genealógico da raça e numa organização comercial que vos poderá assegurar uma verdadeira protecção contra as vicissitudes que caracterizam o nosso mercado, sobretudo quando se trata de vender os produtos da terra ou com ela relacionados.

Se cada um de nós, em todos os actos que se relacionam com a nossa actividade profissional, substituir o arreigado sentido individualista por um verdadeiro espírito associativo, teremos certamente encontrado o caminho que nos conduzirá à única posição capaz de vos assegurar a defesa dos vossos interesses, os quais são, no fim de contas, os verdadeiros interesses do país, porque se é certo que cerca de metade da população tem a sua actividade ligada à terra, não é menos certo que a outra metade depende do trabalho daquela.

CUSTOS DE PRODUÇÃO DOS BOVINOS ALENTEJANOS

Elementos de despesa	Novilhos de manadio até aos 18 meses Peso 435 kg.	Novilhos estabulados até aos 18 meses Peso 606 kg.	Novilhos de manadio até aos 30 meses Peso 576 kg.	Novilhas aos 3 anos Peso 483 kg.
Custo do animal no início do contraste	2 282\$00	2 500\$00	2 282\$00	2 282\$00
Custo da alimentação	1 795\$00	4 915\$00	3 654\$00	2 538\$00
TOTAL — A	4 077\$00	7 415\$00	5 936\$00	4 820\$00
Amortização e conservação de instalações — 4 % de A	160\$00	296\$00	237\$00	192\$00
Mão de obra — 6 % de A	240\$00	445\$00	356\$00	289\$00
Juro do capital — 6 % de A	240\$00	445\$00	356\$00	289\$00
Riscos — 5 % de A	200\$00	370\$00	296\$00	241\$00
Assistência médico-veterinária — 3 % de A	120\$00	222\$00	178\$00	144\$00
Administração — 5 % de A	200\$00	370\$00	296\$00	241\$00
CUSTO DE PRODUÇÃO	5 237\$00	9 563\$00	7 657\$00	6 216\$00
CUSTO DE PRODUÇÃO DO QUILOGRAMA VIVO	12\$00	15\$75	13\$29	12\$86
PERCENTAGEM EM QUE ENTRAM OS VÁRIOS FACTORES:				
Alimentação	34,2	51,3	47,7	40,6
Custo dos animais no início do contraste	43,5	26,1	29,8	36,7
Amortização, juros, riscos, etc. ...	22,1	22,4	22,4	22,5
INCIDÊNCIA DOS ELEMENTOS ALIMENTARES NO CUSTO TOTAL DA ALIMENTAÇÃO:				
Sub-produtos da exploração:				
Palha e pastagem	36,9 %	20,5 %	39,9 %	35,1 %
Outros produtos:				
Concentrado	21,2 %	50,5 %	10,2 %	anulado pelo trabalho
Silagem	41,7 %	12,5 %	49,2 %	52,4 %
Feno	—	7,0 %	—	7,7 %
Verde	—	9,2 %	—	5,1 %